

Festa Literária do Medianeira

### LUCI COLLIN

Poeta ficcionista, tradutora e professora universitária. Publica seus trabalhos no endereço lucicollin.com.br.

## MARCOS F. MONTEIRO

Quase jornalista, quase escritor. Fotógrafo.

#### IOSÉ CASTELLO

Jornalista e escritor, colunista do suplemento Prosa & Verso, de O Globo.

#### Assionara Souza

Escritora curitibana, nascida em Caicó. Publica seus trabalhos no endereço cecinest.blogspot.com.

# RICARDO POZZO

Escritor e fotógrafo radicado em Curitiba.

### DANIEL ZANELLA

Cursa 6º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Respeitador do direito de ir e vir.

# OTTO LEOPOLDO WINCK

Escritor e Doutor em Letras pela UFPR.

## FLAVIO STEIN

Mediador de leitura, músico, diretor teatral e Mestre em Estudos Literários pela UFPR.

## IOSÉ MIGUEL WISNIK

Escritor, compositor, músico e professor de Teoria Literária na USP.

#### LIANA LEÃO

Escritora, graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutora em Letras pela USP.

## QUINAN

Artista plástico carioca.

### FABRÍCIO CARPINEJAR

Escritor, jornalista e professor universitário. É mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

# **EDITORIAL**

De 22 a 27 de outubro, o Colégio Medianeira, localizado na Avenida José Richa - Linha Verde - 10.546, no Prado Velho, em Curitiba, promove a segunda edição da FLIM, a Festa Literária do Medianeira.

A programação contará com a Feira de Livros, promovida há muitos anos pela instituição, oficinas de criação literária, contação de histórias e uma série de bate-papos e palestras com artistas plásticos, músicos, cineastas, atores e escritores locais e nacionais, como Luci Collin, José Castello, Assionara Souza, José Miguel Wisnik e Fabrício Carpinejar, além de programação de artes visuais, cinema e vídeo, clube da leitura, dança, teatro e violão.

O Grupo Fato também apresentará seu show Da tamancalha ao sampler, que marca os 18 anos do grupo e também o lançamento de seu DVD. Simultaneamente, acontece o lançamento da coletânea de textos dos alunos da instituição. Para Cezar Tridapalli, coordenador de Midiaeducação do Colégio Medianeira, a Festa é fundamental na consolidação da literatura no cotidiano da cidade e na discussão do espaço literário no mundo contemporâneo.

"Armaremos literalmente um circo na FLIM 2012. Tudo para que, de fato e cada vez mais, se deem vários encontros, sobretudo o principal deles, que é quando o leitor encontra seu livro e, num caminho que é necessariamente de mão dupla, o livro encontra seu leitor".

A parceria do Relevo com o Medianeira, além de levar ao seu público um pequeno recorte do trabalho de cada autor, é uma forma do periódico participar mais ativamente do circuito de leitura da região, uma espécie de necessidade que os impressos têm no atual contexto de serem capazes de justificar a sua existência perante a enxurrada de plataformas informativas.

Esperamos que esta edição, sem fim lucrativo algum – aliás, lucro nunca foi uma palavra presente nestes dois anos e pouco do Relevo, prejuízo também não – possa servir de estímulo e convite à entrada do leitor no mundo peculiar e abstrato e multicolor de cada escritor.

Uma boa leitura a todos

# Fome na mata

O menino espicha o olho desconfiado detrás da fresta. Vê dois sujeitos estranhos, o primeiro com um trambolho alçado na altura do peito, o outro de caneta e papel na mão. Tranca a porta e volta ao choro débil, miúdo, quase sem fôlego.

Por que Marcelo chora?

De fome, responde Nelci Alves Braga.

Mauri König



Confira a programação completa: www.colegiomedianeira.g12.br/blogs/flim2012 Todos os escritores desta edição estarão na FLIM

Festa Literária do Medianeira

# ✓ Expediente

Fundado em Setembro de 2010

Edição: Daniel Zanella

Projeto gráfico: Marcos Monteiro

Fotógrafo responsável: Ricardo Pozzo

Impressão: Folha de Londrina

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 8 de outubro

# ~

## **Contato**

twitter.com/jornalrelevo Facebook: Jornal Relevo Envie suas crônicas, críticas e sugestões para jornalrelevo@gmail.com

jornalrelevo@gmail.com PDF's das edições anteriores: issuu.com/jornalrelevo



ASSIONARA SOUZA

# Dublê

o objeto caiu

(câmera no objeto caindo)

Hoje, às cinco da tarde, fui pentear um macaco suado, enorme: estava marcado para as 16h45. Atrasou. Macacos atrasam que é uma coisa. Era o meu primeiro dia. Levei o kit. Sabia de cor a sequência do material a ser usado. Ele chegou, sentou, fez pose de freguês. Grunhiu. Não sabia exato se naquele momento eu deveria já começar o serviço. Relaxou na cadeira como se estivesse esperando o melhor de mim.

E dei.

Puxei os pelos da testa, comecei por aí. Os dentes do pente entraram que foi uma beleza.Esforcei-me ao máximo para fazer um penteado legal - que valorizasse os traços pessoais daquele macaco gente boa mas mal humorado. Pouco papo. Haviam me confessado, antes, que era um macaco até de certa fama e tal. Mas não tratasse do assunto, ele não se pabulava. Não curtia essa onda de aparecer - tipo essa coisa de animais que se destacam. Achei melhor. Era só amor que eu deveria sentir. Estava dentro da minha profissão: penteadora de macacos

E senti.

Da mão ao chão, um tempo considerável.

- Não estou aqui para brincadeiras, percebeu?

- Uma música, por favor. Chá? Aquele de sempre? E como vão as coisas com a falcatrua das vendas de táxis? É um mercado negro. Vão chiar quando vier a frota de mais 500. Gosto muito mesmo desse assunto. Tem outros. Escolha no menu.

- Ah, meu bem. Que linda, você. Talvez devêssemos chamar esse lance aí de sorte.





"Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – Me ajuda a olhar!"

arte/1" (texto acima), o escritor uruguaio Eduardo Galeano cria uma pequena narrativa que indica o efeito, o impacto, que a literatura (ou a arte de maneira geral) pode causar em um leitor: "mudo de beleza" fica o menino ao ver o mar pela primeira vez. Uma bela metáfora. Mas esse impacto é a constatação do possível efeito da arte. Oque, por sua vez, indica a função da arte - ajudar a olhar!

Em tempos de criação de novos eventos e projetos que estimulem a leitura (tendo a FLIMe os Sujeitos Leitores do Colégió Medianeira como exemplos animadores para nossa cidade), de questionamentos sobre o queéleituraedavalidade de cursos de formação de espaço para que o outro, mediadores de leitura, creio que é bastante instigante ouvir o clamor de Diego: "- Me ajuda a olhar!", como outra bela orrespondir de ceptanto y a esse primeiro impacto que normalmente o mar, por exemplo, causa a uma metáfora, agora, rela- criança em seu primeiro cionada à função desta confronto. figura difusa e pouco clara, reconhecida atualmente como mediador de leitura.

Após a experiência de realização de mais de 300 rodas de leitura, por meio do edital Ciclos de Leituras da Fundação Cultural de Curitiba, e do esforço de mais de dois anos lutando para escrever (e pensar) os resultados de uma pesquisa que se transformaria em uma dissertação de mestrado no departamento de letras da Universidade Federal do Paraná, che- que os apresentou. Um

Em "A função da guei à conclusão de que o lugar do mediador de leitura é, antes de mais nada, o da invisibilidade.

> Ajudar alguém a olhar o texto, a vida e o mundo, através da literatura, demanda desse ajudante uma capacidade, a partir do texto, de abrir portas, de construir pontes para onovoleitor. Abrir portas sem preconceitos nem pré-conceitos, isto é, oferecer ao outro um espaço amplo e irrestrito para descobertas. Descobertas não direcionadas, não induzidas, mas que deixem o novo leitor "mudo de beleza". E para que o olhar do mediador não se imponha, não limite o olhar do outro, percebo que é preciso alcançar isso que tenho denominado de invisibilidade. Isto é, abrir o novo leitor, chegue por si mesmo ao "espanto",

> Acredito que, dessa maneira, a invisibilidade, essa não-presença do mediador em um certo sentido, (um entre-lugar, comcerteza), possa deixar que o texto gere no leitor a sensação de uma descoberta sua, própria, particular, única. Sensação esta deapoderar-sedealguma coisa, que, por fim, pode realmente instigá-lo a procurar novos textos. Textos que através deste processo, podem agora passara serseus, do leitor, e não mais do mediador

# Sobre o desafio da mediação de leitura

# FLÁVIO STEIN



percurso do individual, passando pelo coletivo para voltar ao indivíduo com outro valor.

E claro que essa invisibilidade demanda do mediador, antes de qualquer coisa, muita generosidade. Para oferecer ao outro um novo espaço, livre, para que ele possa criar relações com sua própria vida e escolher por que caminhos trilhar. No fundo, não é uma ação ou proposição literária, mas social, cultural, humana. E sem dúvida, criativa, seja no processo de leitura do novo leitor, seja no do mediador, deste que oferece sem querer nada em troca, mas que, mesmo que não queira, leva algo. A invisibilidade não significa neutralidade neste caso, pelo contrário, é uma ação ativa, viva, característica do processo

de leitura comprometido com o texto, com a vida, com o mundo, e claro, com o outro, distante do ego que normalmente se apresenta nas relações com os eventos coletivos da contemporaneidade. Afinal, estamos falando de um evento coletivo, a roda de leitura. Leitura, portanto, compartilhada.

Por fim, fica a pergunta: Seráque tudo issofaz sentido? Continuo a me perguntar insistentemente, em cada roda de leitura que inicio, se essa minha percepção tem realmente algum fundo de verdade na prática ou se é apenas um delírio resultante de uma tentativa de refletir sobre algo tão simples? Mediar um texto literário não seria apenas revelar o que um texto sugere ou indica? Mas revelar a riqueza do olhar que vem da escrita, do escritor, é assim tão simples? Será? É possível ser tão assertivo e pragmático quando se fala a respeito de uma obra literária? Ou será que é justamente na pluralidade de leituras e interpretações que reside a potência da literatura?

Enfim acho que essas indagações são muito propícias a um espaço como este, do Relevo, ainda mais no contexto de um Festival Literário, como este, do Medianeira, a FLIM. Indagações, talvez, visíveis para o especialista em leitura, mas invisíveis para o senso comum, para o novo leitor, para quem, em princípio, tudo está sendo feito. Creio que por isso me soem tão urgentes. Creio que por isso, justamente, mediar a leitura é sempre um desafio. Afinal, como abarcar a imensidão do mar?

# Lendo no escuro

Publicado originalmente em "A Literatura na Poltrona", de O Globo no endereço oglobo.globo.com/blogs/literatura/

doces de Murilo Mendes, um grande poeta de quem nem sempre nos lembramos: "Me colaram no tempo, me puseram uma alma viva e um corpo desconjuntado. Estou limitado ao norte pelos sentidos, ao sul pelo medo". As palavras de Murilo me ajudam a pensar sobre ó incômodo que provoquei em alguns leitores fiéis com a expressão "leitor comum". Devo dizer logo: a expressão me incomoda também.

A palavra "comum" não se refere só ao vulgar, ao habitual, ao banal, mas também ao que pertence a todos, ao que todos dividimos. Leitor comum, isto é, leitor que divide, que compartilha e que, portanto, não está só! Divide o que? Aqui entra Murilo: divide com os outros suas incríveis limitações. E seus medos. Quando afirmo a potência do "leitor comum", oponho-me à figura do socorro a célebre epí-"leitor arrogante" ou, dizendo melhor, àquele leitor "que sabe o que faz" e "sabe o que lê". Aquele situação (a limitação): de janeiro, falo de D. H.

Esbarro nas palavras que afirma nada temer.

Lemos, a maior parte do tempo, na cegueira. Parecemos com nosso pobre planeta, hoje tão adoentado, que não passa de um grão, um resto de poeira na escuridão abissal do universo. Sempre que falo em escuridão, alguns leitores se assustam também, se incomodam. Outro dia, em um email gentil, Lucila Rodrigues, a organizadora dos Melhores poemas de Mário de Sá-Carneiro, da Global Editora, com certo espanto e até alguma contrariedade, assinalava essa minha visão "semi-noturna" (ela diz) da literatura.

Eu a reafirmo - e ela se refere justamente à ideia do "léitor comum", aquele que (para usar palavras que talvez guardem um tom bíblico) que "não sabe o que lê". Lê, sim, mas na maior parte "Se podes olhar, vê. Sẹ podes ver, repara". É porque temos os limites da pele que somos, não custa lembrar.

Reparar não é só fixar--se com mais atenção em algum detalhe, é também restaurar, remediar aquilo que, no fundo, não tem remédio. O que não tem remédio? Nossa condição, essa de que fala Murilo, limitados que somos ao norte pelos sentidos e ao sul pelo medo. Eis onde a arrogância se desfaz ou, ao menos, expõe seu caráter fraudulento. A arrogância é uma fraude. Quem "sabe o que lê", a rigor, não lê. Ler é deixar-se invadir e inundar pela palavra do outro, e isso não se faz sem a aceitação da ignorância.

Lembro de outra ideia do tempo por instinto e de Murilo Mendes: "Exisno escuro. Vem em meu tem cinco elementos: o ar, a terra, a água, o fogo grafe que José Saramago e a pessoa amada". Em usou em seu Ensaio sobre minha coluna no Prosa a cegueira, que resume a & Verso deste sábado, 29

Lawrence e de sua preciosa ideia a respeito da cura pelo amor. Eis que surge o amor (o desejo) em Murilo, como um

quinto elemento, que desestabiliza e relativiza os outro quatro. Que lhes sopra vida, isto é, limite. Aí está a paixão, que é sempre singular e, como diz o cliche com toda a sabedoria, é cega também. Não, não tenho medo de clichês. São

muletas, desagradáveis,

detestáveis, mas quantas

vezes nos salvam.

Leitor comum: aquele que lê com o que pode, com o que tem, com o que lhe sobra, e só por isso faz uma leitura singular. Isso o opõem ao leitor autorizado", que lê em nome de uma teoria, de uma tendência, de alguns princípios, de um método. Leitor de escola: lê com seu pedigree. O leitor comum, não, este lê na mais absoluta solidão. Lê com o que tem mas, sobretudo, com o que não tem. O que tem é o claro,

o que não tem (muito mais vasto) é o escuro. Repete a figura de uma estrela no firmamento: nós só a vemos porque uma grande escuridão a delimita, porque uma grande sombra lhe serve de borda. Sem esse limite escuro, ela se dissolveria no céu.

José Castello

Venho reafirmar, então, a figura do leitor comum. Não porque ele seja banal, não porque leia para repetir - o que seria o mesmo que não ler. Ao contrário: porque ele lê para afirmar a sua diferença, lê para rasgar, com seu olhar (diz Saramago: para reparar) o livro que tem diante de si. Comum não porque seja menor, mas limitado. Alguém que se orgulha de sua limitação, já que ela o humaniza e o singulariza. Alguém que se agarra ao pouco que tem, e disso (não sem muito medo) faz alguma coisa, e com isso ama (repara) o que o outro lhe dá.

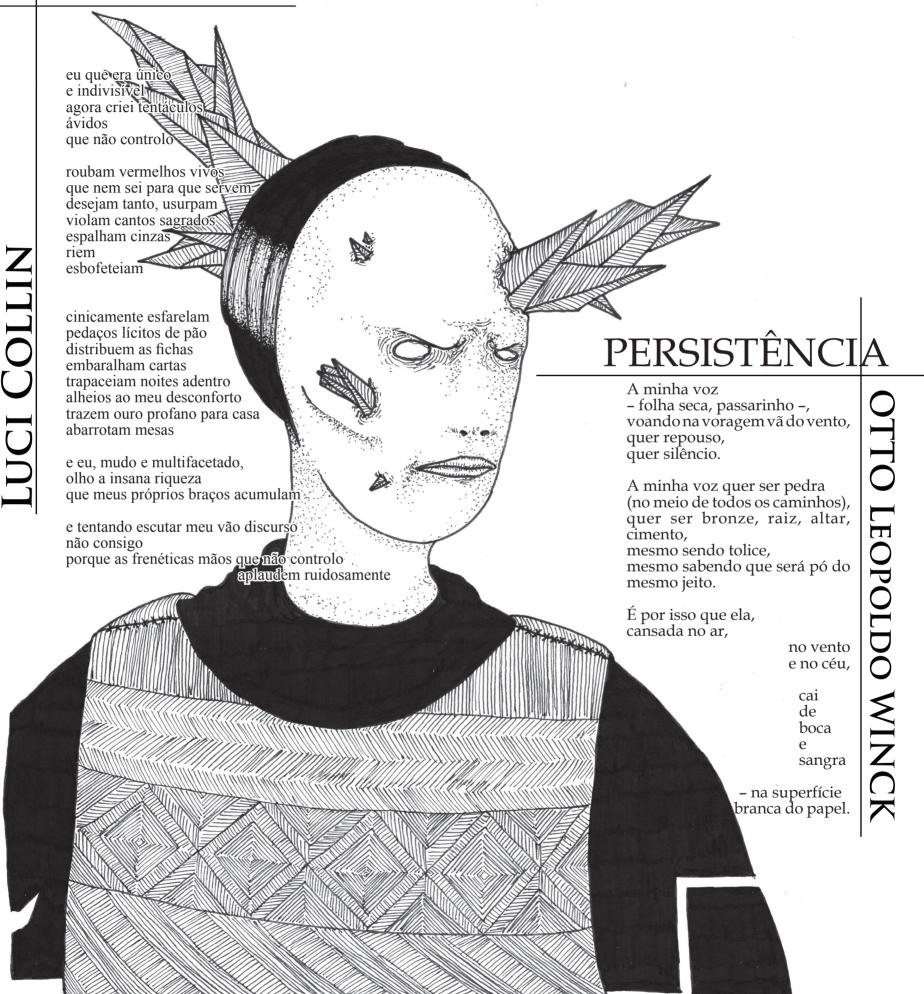
# <u>Liana Leão</u>

# Julieta de . Bicicleta

Julieta acordava todo dia a mesma hora Fazia as mesmas coisas do mesmo jeito Primeiro o pé direito pra fora da cama Dava 5 passos até o banheiro Um minuto cronometrado para o xixi 555, se fosse contado...



# CENA-MUDA



MAUIVA

# FABRÍCIO CARPINEJAR

## Fragmento I

Pouco crescemos no que aprendemos, o sabor

de um livro antigo está em jovem esquecê-lo.

Eu alterei a ordem do teu ódio. Fiz fretes de obras

na estante. Mudava os títulos de endereços

em tua biblioteca e rastreavas, ensandecido, aquele morto encadernado

que ressuscitou quando havias enterrado a leitura,

aquele coração insistente, deixando atrás uma cova aberta na coleção.

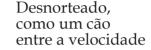
Sou também um livro que levantou dos teus olhos deitados.

Em tudo o que riscavas, queria um testamento. Assim recolhia os insetos

de tua matança, o alfabeto abatido nas margens.

Folheava os textos, contornando as pedras de tuas anotações.

Retraído, como um arquipélago nas fronteiras azuis.



e os carros. Descia o barranco úmido de tua letra,

> premeditando os tropeços. Sublinhavas de caneta,

visceral, impaciente com o orvalho, a fúria em devorar as idéias,

cortar as linhas em estacas da cruz, marcá-las com a estada. Tua pontuação delgada,

um oceano na fruta branca. Pretendias impressionar

o futuro com a precocidade. A mãe remava em tua devastação,

percorria os parágrafos a lápis. O grafite dela, fino, uma agulha cerzindo

a moldura marfim. Calma e cordata, sentava no meio-fio da tinta,

descansando a fogueira das folhas e grilos. Cheguei tarde

para a ceia. Preparava o jantar com as sobras do almoço.

Lia o que lias, lia o que a mãe lia. Era o último a sair da luz.

